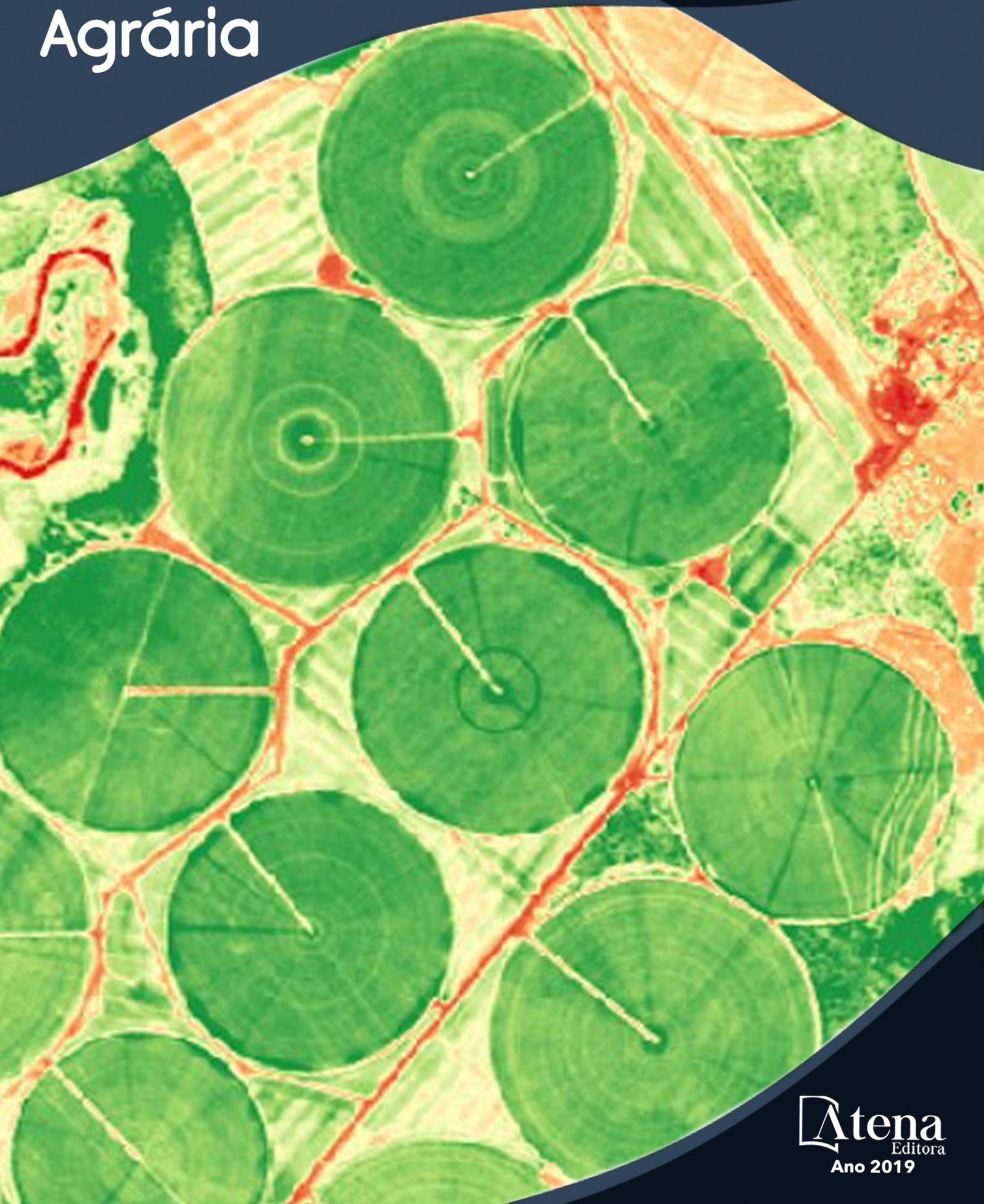


Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Geografia Agrária



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Geografia Agrária

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
G345	Geografia agrária [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-436-8 DOI 10.22533/at.ed.368192506 1. Geografia agrícola – Pesquisa – Brasil. 2. Movimentos sociais – Brasil. 3. Trabalhadores rurais – Brasil – Atividades políticas. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini. CDD 630.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A Coletânea “Geografia Agrária” publicada pela Atena Editora está organizada a partir de uma breve divisão da diversidade regional brasileira e latinoamericana. Trata-se de uma leitura oriunda de diferentes pesquisadores e pesquisadoras para compreensão dos dilemas, conflitos e alternativas materializadas no campo.

O primeiro capítulo da Coletânea versa sobre os Conflitos por terra e território na obra cinematográfica de Adrian Cowell: uma Cartografia sangrenta da Amazônia, ou seja, remete apresenta a interpretação sobre a mesorregião Sudeste do Pará à luz da teoria dos conflitos agrários para cartografar tais conflitos, resistências e alternativas advindas das lutas travadas, sobretudo, pelo campesinato nesses registros cinematográficos que tratam da Amazônia Legal brasileira.

Os capítulos 2 ao 6 representam o Nordeste brasileiro e sua diversidade e conflitos inerente ao campo e as práticas socioterritoriais. As discussões versam sobre os conflitos socioambientais: o caso de Suape no litoral sul de Pernambuco, a institucionalização do Programa Nacional de Alimentação Escolar como geração de renda para as mulheres do meio rural: um estudo de caso das Mangabeiras em Japaratinga-SE, Territórios da Cidadania Alagoanos do agreste e bacia leiteira, Caminhos para regularização fundiária de assentamentos em terras públicas e estatais em áreas pequenas e médias no entorno de centros urbanos: experiência de Vitória da Conquista-BA e a Reforma agrária no Brasil e a questão fundiária: conflitos e resistências a partir de uma experiência em Pernambuco.

Já os capítulos 7 e 8 debatem respectivamente, os distritos e aglomerados rurais de Buritizeiro – MG a partir da possível emancipação e os Conflitos por terra e água no rio São Francisco a partir de uma fecunda análise da territorialidade dos pescadores(as) a partir dos intensos processos de resistências ao buscar a reapropriação física dos territórios pesqueiros.

Ainda sobre os estudos e pesquisas inerentes ao Centro-Sul, os capítulos 9 ao 12, tratam da Reestruturação do território agrário de Nova Iguaçu – RJ, Neoextrativismo e estrutura fundiária: considerações sobre o desenvolvimento desigual no Planalto Norte de Santa Catarina - Brasil, Posseiros e Assentados da Ribeirão Bonito e o MST no Pontal do Paranapanema-SP e A linha de desmontagem no frigorífico de frango: o trabalho e a saúde dos trabalhadores da Nutrizia em Pires de Rio-GO.

Por fim, o último capítulo da Coletânea, intitulado - A questão agrária na origem das migrações haitianas apresenta uma leitura sobre o país caribenho e a sua trajetória marcada pelas migrações. Nota-se ainda uma interpretação sobre a história de uma revolução de ex-escravos que forçou a abolição da escravidão e primeiro país independente da América Latina e suas marcas e desdobramentos na questão agrária.

Assim, espera-se que os leitores e leitoras possam dialogar com os ensaios e pesquisas em consonância com a fecunda e atual arguição do geógrafo Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2003) ao afirmar que *“o campesinato no Brasil, segue sua já*

longa marcha. Caminham em busca do futuro. Caminham lutando contra o capitalismo rentista que semeia a violência e a barbárie". Por isso, urge debater e construir uma Geografia Agrária Crítica e Comprometida com as mudanças sociais, ambientais e territoriais em um país em constantes crises e crimes contra a democracia.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONFLITOS POR TERRA E TERRITÓRIO NA OBRA CINEMATOGRAFICA DE ADRIAN COWELL: UMA CARTOGRAFIA SANGRENTA DA AMAZÔNIA	
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.3681925061	
CAPÍTULO 2	17
“PROGRESSO” E CONFLITO SOCIOAMBIENTAL: O CASO DE SUAPE NO LITORAL SUL DE PERNAMBUCO	
Luísa Duque Belfort de Oliveira Mariana Vidal Maia Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.3681925062	
CAPÍTULO 3	29
A IMPORTÂNCIA DO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR COMO GERAÇÃO DE RENDA PARA AS MULHERES DO MEIO RURAL: UM ESTUDO DE CASO DAS MANGABEIRAS EM JAPARATUBA/SE	
Handresha da Rocha Santos Sandra Andrea Souza Rodrigues José Eloízio da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3681925063	
CAPÍTULO 4	38
TERRITÓRIOS DA CIDADANIA ALAGOANOS DO AGRESTE E BACIA LEITEIRA: UM ESTUDO DA POLÍTICA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS – PAA	
Emerson Siqueira Cavalcante Pinto Antonio Marcos Pontes de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.3681925064	
CAPÍTULO 5	50
CAMINHOS PARA EMANCIPAÇÕES: DISTRITOS E AGLOMERADOS RURAIS DE BURITIZEIRO – MG	
Amanda Alves Maciel Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.3681925065	
CAPÍTULO 6	65
A REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL E A QUESTÃO FUNDIÁRIA: CONFLITOS E RESISTÊNCIAS	
Reinaldo Pacheco dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3681925066	
CAPÍTULO 7	75
CAMINHOS PARA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA DE ASSENTAMENTOS EM TERRAS PÚBLICAS E ESTATAIS EM ÁREAS PEQUENAS E MÉDIAS NO ENTORNO DE CENTROS URBANOS: EXPERIÊNCIA DE VITÓRIA DA CONQUISTA	
Francisco José Lima dos Santos Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.3681925067	

CAPÍTULO 8	88
COMO AS ÁGUAS DO RIO, A VIDA É MOVIMENTO: PESCA E CONFLITOS POR TERRA E ÁGUA NO RIO SÃO FRANCISCO	
Rafael Pereira Santos Roberta Alves Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3681925068	
CAPÍTULO 9	100
A REESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO AGRÁRIO DE NOVA IGUAÇU APÓS A IMPLANTAÇÃO DO ARCO METROPOLITANO DO RIO DE JANEIRO	
Monica Martins Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.3681925069	
CAPÍTULO 10	112
POSSEIROS E ASSENTADOS DA RIBEIRÃO BONITO E O MST NO PONTAL DO PARANAPANEMA -SP: SEMENTES GERMINADAS NAS LUTAS OUTRORA	
Maria Celma Borges	
DOI 10.22533/at.ed.36819250610	
CAPÍTULO 11	129
NEOEXTRATIVISMO E ESTRUTURA FUNDIÁRIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DESIGUAL NO PLANALTO NORTE DE SANTA CATARINA, BRASIL	
Ivo Marcos Theis Marcos Antônio Mattedi Luis Claudio Krajevski	
DOI 10.22533/at.ed.36819250611	
CAPÍTULO 12	142
A LINHA DE DESMONTAGEM NO FRIGORÍFICO DE FRANGO: O TRABALHO E A SAÚDE DOS TRABALHADORES DA NUTRIZA EM PIRES DE RIO-GO	
Fábio de Macedo Tristão Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.36819250612	
CAPÍTULO 13	151
A QUESTÃO AGRÁRIA NA ORIGEM DAS MIGRAÇÕES HAITIANAS	
Alex Dias de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.36819250613	
SOBRE O ORGANIZADOR	164

A LINHA DE DESMONTAGEM NO FRIGORÍFICO DE FRANGO: O TRABALHO E A SAÚDE DOS TRABALHADORES DA NUTRIZA EM PIRES DE RIO-GO

Fábio de Macedo Tristão Barbosa

Universidade Estadual de Goiás

Pires do Rio-GO

RESUMO: A temática que envolve o desenvolvimento deste artigo é o trabalho e os trabalhadores da agroindústria de aves Friato-Nutriza S.A. localizada na cidade Pires do Rio no Sudeste goiano. Mediante a perspectiva epistêmica que considere a tríade capital-trabalho-saúde, propomos analisar e realizar uma reflexão crítica acerca das condições de trabalho e os riscos à saúde dos trabalhadores da referida empresa. O objetivo é evidenciar as reais condições de trabalho e os riscos a que os trabalhadores estão expostos no ambiente de trabalho, nas linhas de produção deste frigorífico. A Metodologia empregada na pesquisa é o uso de matérias veiculadas na mídia em geral, a análise de documento judicial – Termo de Ajuste de Conduta – por fim, o contato direto com os trabalhadores realizado através de entrevistas e questionários.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia, Trabalho, Saúde.

INTRODUÇÃO - A MODERNIZAÇÃO DOS MÉTODOS DE TRABALHO NA INDÚSTRIA

FORDISTA

O alvorecer do século XX introduziu mudanças importantes no processo de produção de mercadorias. Sob a égide do capitalismo monopolista, novas formas de organização do trabalho e um aparato técnico moderno são adotados nas fábricas de automóveis do mundo ocidental, prenunciando que a racionalidade científica introduzida no processo produtivo das indústrias automobilísticas, revolucionaria de vez o método e a organização do trabalho dentro da fábrica, e a vida social fora dela.

O modelo de produção e organização do trabalho elaborado por Henri Ford e F. W. Taylor é a expressão mais cabal de que a ciência tornara força produtiva do capital. Segundo o geógrafo britânico David Harvey (2006), em 1914, Henry Ford introduzia o dia de oito horas e cinco dólares aos trabalhadores da linha automática de montagem de automóveis em Michigan-EUA, esta seria a marca simbólica do nascimento de um novo modelo de produção industrial que passou a ser denominado de fordismo-taylorismo.

A esteira volante de Ford permitiu que o trabalho chegasse ao trabalhador numa posição fixa na fábrica. A introdução do cronômetro permitiu medir o tempo do trabalho; desde então, o ritmo de execução das tarefas dos

trabalhadores passou a ser regulado pela máquina. Foi o “casamento perfeito” para a racionalização do tempo de trabalho, que, conseqüentemente garantiu enormes ganhos de produtividade através da decomposição de cada processo de trabalho em movimentos regulares e da organização de tarefas de trabalho fragmentadas segundo padrões rigorosos de tempo e estudo do movimento. O trabalho vivo é o fermento adicionador de mais valor, por isso mesmo essa força não pode ser desperdiçada, ao contrário.

Essa força deve ser despendida no grau médio habitual de esforço, com grau de intensidade socialmente usual. Sobre isso o capitalista exerce vigilância com o mesmo temor que manifesta que nenhum tempo seja desperdiçado, sem trabalho. Comprou a força de trabalho por prazo determinado. Insiste em ter o que é seu. Não quer ser roubado. (MARX, 2008, p. 313)

Segundo Antunes (2009) era necessário racionalizar as operações realizadas pelos trabalhadores, reduzir o desperdício, reduzindo o tempo e aumentando o ritmo do trabalho, estas foram as maneiras encontradas pelo fordismo-taylorismo de intensificar as formas de exploração, e extração do *mais-valor*. A especialização e fragmentação do trabalho tornaram o trabalhador operário da indústria fordista um repetidor de gestos cansativo e embrutecedor, suprimindo a dimensão criativa e intelectual do trabalho, excelentemente caricaturado por Chaplin em *Tempos Modernos*. O trabalhador tornou-se um apêndice da máquina, cujo ritmo do trabalho era dado pela esteira volante.

A rigidez da linha de produção articulava os diferentes momentos do processo de trabalho, “tecendo vínculos entre as ações individuais das quais a esteira fazia as interligações, dando o ritmo e o tempo necessários para a realização das tarefas”. (ANTUNES, 2007, p. 39). Ao passo que se desarticulava o momento da *elaboração* e da *execução* do trabalho, cabendo à gerência científica o pensar, o conceber, o planejar; e aos trabalhadores do chão de fábrica caberia apenas executar mecanicamente as ações pensadas pela gerência científica. Segundo Braverman (1977, p. 86) esta divisão técnica do trabalho na fábrica moderna entre *planejamento* e *execução*, impunha-se diante da necessidade imperativa de a gerência efetuar “o controle concreto de execução de toda atividade no trabalho”.

Portanto, as inovações no/do processo produtivo e os novos métodos de trabalho fordista-taylorista permitiram a produção em massa, homogeneizada, padronizada, a partir de uma estrutura de produção verticalizada. Produção em série com o uso de linhas rígidas e ritmadas pela esteira volante, a organização parcelar do trabalho e a decomposição das tarefas, a separação nítida entre elaboração e execução (trabalho intelectual e trabalho manual) a dimensão intelectual cabendo à gerência científica. Todas estas mudanças que permearam o mundo do trabalho ao longo do século XX tendiam ao barateamento dos preços das mercadorias para a ampliação do mercado de consumo de massa.

Este sistema produtivo iniciado nas indústrias automobilísticas dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX difundiu-se amplamente para empresas de

diferentes ramos industriais do ocidente que adaptaram as suas atividades produtivas às esteiras volantes e à racionalização do tempo de trabalho. Indústrias de bebidas, de alimentos, de calçados, indústrias têxteis, indústria pesada, os frigoríficos, entre outras, intensificaram a produção e aumentaram a produtividade do trabalho com a adoção das linhas de montagem fordista-taylorista.

O *Crash* da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, e a crise de acumulação dos anos 1930 que a sucedeu, abriu brecha para a implementação da doutrina econômica Keynesiana que se contrapunha às doutrinas liberais ao defender a intervenção do estado na economia a partir da adoção de medidas protecionistas. Desde então, mas, sobretudo no pós-guerra, alinhavado com o fordismo/taylorismo, forjava-se um grande “estado de compromisso” entre estado, capital, e cúpula sindical. Sobre este pacto social entre as forças sociais de produção, Antunes (2009, p.40) salienta que,

[...] junto com o processo de trabalho taylorista/fordista erigiu-se, particularmente durante o pós-guerra, um sistema de “compromisso” e “regulação” que, limitado a uma parcela dos países capitalistas avançados, ofereceu a ilusão de que o sistema do metabolismo social do capital pudesse ser *efetiva, duradoura e definitivamente controlado*, regulado e fundado num compromisso entre capital e trabalho mediado pelo Estado.

O relativo equilíbrio e harmonização de classes – burguesia e proletariado – mediadas pelas cúpulas sindicais e partidos políticos, e arbitrado pelo *Welfare State*, garantiu nos anos subsequentes a segunda grande guerra, um período esplendoroso de prosperidade do capital monopolista, foram mais de duas décadas de lucratividade alheio crises de superprodução ou subconsumo nos países capitalistas avançados. A sustentação deste compromisso socialdemocrata dava-se ante a intensa exploração do trabalho nos países da periferia do sistema capitalista, que não foram chamados a participar do pacto social.

MUDANÇAS/PERMANÊNCIAS NOS MÉTODOS DE TRABALHO INDUSTRIAL NA DÉCADA DE 1970

No entanto, no final da década de 1960, o regime de acumulação fordista/keynesiano indicava sinais de “esgotamento”, e no começo dos anos 1970 verificava-se queda nas taxas de lucros, em 1973, a crise do petróleo, e a eclosão das lutas sociais e de classes, “questionando os pilares constitutivos da sociabilidade do capital, particularmente no que concerne ao controle social da produção [...] anunciavam os limites históricos do compromisso fordista”. (ANTUNES, 2009 p. 43). A resposta à crise veio na forma da reestruturação da produção, assentada na revolução técnico-científico-informacional – microeletrônica, telemática, robótica, automação; uma nova forma de organização, gestão e controle da força de trabalho, e reformas no aparelho de estado, o novo paradigma organizacional é o Toyotismo ou acumulação flexível, contrapondo-se à rigidez do fordismo.

As principais características deste novo modelo é o seu padrão produtivo e organizacional altamente tecnológico, resultado da introdução de técnicas de gestão da força de trabalho próprias da fase informacional, bem como da introdução ampliada dos computadores na produção e nos serviços. Outro aspecto fundamental diz respeito à “gestão da força de trabalho: trabalho em equipe, células de produção, times de trabalho, envolvimento participativo (colaboradores), o trabalho polivalente, multifuncional, qualificado” (ANTUNES, 2009).

Busca-se superar uma estrutura produtiva rígida e hierarquizada, por outra mais flexível, recorrendo-se à desconcentração da produção e às empresas terceirizadas. A finalidade de tudo isso é a redução do tempo de trabalho, almeja-se a intensificação das condições de exploração da força de trabalho – aumento da produtividade do trabalho. (extração da mais valia relativa). Desde então, o sinônimo de empresa moderna e poderosa deixou de significar uma corporação com grande número de funcionários, agora é a “empresa enxuta” que consegue produzir mais com menos trabalhadores. A consequência deste processo é a eliminação de postos de trabalho, causa do desemprego estrutural, aumento extraordinário da informalidade, bem como aumento da fragmentação no interior da classe trabalhadora; precarização e terceirização da força de trabalho; destruição do sindicalismo de classe e sua conversão num sindicalismo dócil; ou de empresa (ANTUNES, 2009).

O TRABALHO NA NUTRIZA S.A. E OS RISCOS À SAÚDE DOS TRABALHADORES

Neste processo de expansão da modernização fordista-taylorista e/ou toyotista/flexível, ou um híbrido dos dois sistemas como acontece em muitas linhas de montagem de indústrias que adotou um misto dos dois modelos, a modernização da produção e dos métodos de trabalho alcançou os frigoríficos. No entanto, a diferença é que nestas indústrias de carne, ocorre o processo inverso, no lugar da montagem da mercadoria na linha de produção conduzida pela esteira volante fordista, modernizada com a parafernália eletrônico-computacional, assiste-se a desmontagem do animal-mercadoria em partes, em cortes específicos. No caso do frigorífico de frango, são cortes de asa, coxa, sobrecoxa, miúdos, coração, fígado, moela, além de embutidos: salsicha, mortadela, linguiça, por isso consideramos que se trata de linha de desmontagem.

Um processo de trabalho que exige o tempo todo, extrema atenção na execução das tarefas no cotidiano do trabalho, pois, a rapidez na manipulação de instrumentos de trabalho cortantes muito bem afiados coloca cotidianamente em risco de acidente os trabalhadores de frigoríficos, especialmente os de frango. É sabido das constantes e as significativas lesões de cortes muitas vezes profundos nas mãos, dedos, braços, no processamento dos cortes das aves, e também do alto índice de incidência de Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) e Lesões por Esforço

Repetitivo (LER). O risco do trabalho nas linhas de desmontagem das indústrias de carne, especialmente de aves está correlacionado, a nosso ver, ao ritmo cada vez mais intenso do trabalho nas linhas de produção, os trabalhadores são submetidos a longas jornadas de trabalho sem intervalos para descanso, fato que coloca em risco a saúde dos trabalhadores. Qual é a realidade concreta destas questões no frigorífico Friato-Nutriza onde trabalha cerca de 2.800 funcionários que manuseia diariamente instrumentos cortantes?

No intuito de responder estas perguntas foi formulado e aplicado um questionário junto aos trabalhadores – que também são estudantes numa universidade da cidade de Pires do Rio, ou seja, trabalham em um turno e estudam noutro turno. Um perfil, mesmo que superficial destes trabalhadores pôde se traçado, trata-se de uma população muito jovem, 75% possuem entre 20 e 25 anos de idade; e 4,1% estão abaixo dos 20 anos; 12,5% acima de 30 anos; e 8,3% estão entre 26 e 30 anos de idade. Isso se justifica quando observamos de perto o ritmo intenso do trabalho na visita que fizemos ao frigorífico em junho deste ano.

Outro elemento que chamou nossa atenção foi a forte presença do trabalho feminino no chão da fábrica. Dos questionários respondidos, 45,9% são do sexo feminino; e 54,1% masculino; porém, na visita a campo mencionada anteriormente, foi nos informado verbalmente pela funcionária responsável por receber estas visitas, que as mulheres ocupam cerca de 65% do quadro de funcionários da empresa. Em algumas linhas de produção pudemos perceber fortemente a predominância do sexo feminino, como por exemplo, no setor de corte, percebeu-se que há uma divisão sexual do trabalho no interior da fábrica, no setor de depena, a presença masculina é marcante.

Observou-se também, conforme as resposta dos questionários, alta rotatividade do trabalho, apenas 12,5% trabalham na empresa a mais de 5 anos; 37,5% dos respondentes trabalham na empresa por um período de 1 a 3 anos; outros 41,6% estão no frigorífico a menos de 1 ano; e 8,3% possuem tempo de trabalho entre 3 a 5 anos. A jornada de trabalho intensa, os baixos salários, e a pouca oferta de vagas de emprego na cidade, ajudam a explicar a rotação alta do trabalho na Nutriza. Destaca-se também, a estratégia da empresa em buscar força de trabalho em outros estados da federação, tem se destacado a presença razoável do trabalhador migrante nordestinos: piauienses, maranhenses e baianos.

No que concerne aos acidentes de trabalho na fábrica, na síntese das respostas observou-se que 54,1% afirmaram que já enfrentaram alguma situação de risco de acidente de trabalho, outros 45,9% disseram o contrário. Percebe-se que mais da metade dos trabalhadores que responderam o questionário já passaram por algum risco de acidente no interior da fábrica, um percentual bem expressivo. Ao se questionar, quantos trabalhadores efetivamente se acidentaram no espaço fabril, 37,5% disseram já terem sido vítimas de acidentes de trabalho no interior da fábrica; 62,5% responderam que não. Concomitante à pergunta anterior, ao serem indagados se em

algum momento já tiveram conhecimento de ocorrência de acidentes de trabalho no frigorífico, 91,6% disseram que sim, sabiam de alguma ocorrência; e 87,5% disseram conhecer algum colega de trabalho vítima de acidente dentro da fábrica.

Conforme os dados obtidos a partir da aplicação do questionário, observou-se que 50% das respostas elegeram o setor de corte como o mais vulnerável aos riscos de acidentalidade do trabalho. Quando perguntado, se há segurança no manuseio de instrumentos de trabalho neste setor, 45,8% responderam que é seguro; 50% responderam que não é seguro; e outros 4,1% não responderam. Quanto a ocorrência de LER/DORT na empresa, 91,6% responderam que há sim trabalhadores acometidos de Lesão por Esforço Repetitivo e Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho. Quando perguntados se a empresa presta assistência em casos de acidentes de trabalho e doenças ocupacionais, 75% responderam que sim; e 20,8% responderam que não; outros 4,1% disseram que a assistência prestada pela empresa é insuficiente.

A Nutriz Agroindustrial de Alimentos de Pires do Rio, é formada por um amplo complexo agroindustrial, são fábricas de rações para aves, granjas de matrizes, incubatório e unidade de abate de frangos e processamento de industrializados. Atendendo aos mercados do Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste do país e também ao mercado externo de frangos e derivados, o grupo trabalha com as marcas Nutriz (frango congelado e resfriado) e Friato (frango e cortes temperados, cortes e miúdos congelados de frango e industrializados), com ampla gama de produtos.

O processo de produção é todo verticalizado na forma de um Complexo Agroindustrial. Desde o plantio da soja e do milho até a produção de rações para nutrição das cerca de seis milhões de aves alojadas em mais de 200 galpões de criadores nos municípios de Pires do Rio, Palmelo, Santa Cruz, Orizona, Urutaí e Ipameri. A média diária de abate é de 320 mil aves, com geração de 2.800 empregos diretos e outros 4.500 indiretos em toda região Sudeste. (<http://www.friato.com.br/nutriz.html>.)

Ressaltamos que ainda não tivemos contato direto com os trabalhadores da empresa, o que deve ocorrer em breve. Os contatos tem sido esporádicos em conversas informais. No entanto, despertou-me atenção, o grave acidente ocorrido no dia 25 de novembro de 2013, um vazamento de amônia na linha de abate de frangos, 23 funcionários foram atingidos e hospitalizados, três deles no Hospital de Queimaduras de Goiânia. (<http://revistasafra.com.br/apos-acidente-funcionamento-de-frigorifico-em-pires-do-rio-go-e-normalizado>).

Outra fonte importante a qual tivemos acesso foi o Termo de Ajuste de Conduta de número 20120119 do Ministério Público do Trabalho que data do ano de 2012, portanto, anterior ao acidente de vazamento de gás amônia. Este documento observa que a empresa deveria se adequar aos sistemas de segurança quanto a vazamentos de amônia: *i) Atender, em 10 dias, todas as exigências constantes do relatório de inspeção dos reservatórios de amônia da empresa, firmados no ano de 2011.* Além

disso, a empresa deveria, por exigência do Termo de Ajuste de Conduta: *j) Instalar, em 60 dias, sensores de detecção de vazamento de amônia junto a cada um dos evaporadores que dão acesso as salas de cortes e demais ambientes refrigerados da empresa. O referido termo impunha também que a Nutrizia deveria,*

[...] Adquirir em 60 dias e assegurar o fornecimento dos seguintes equipamentos de proteção, disponíveis em local de fácil e rápido acesso aos empregados encarregados de atuar em caso de vazamento: i) máscara panorâmica com filtro de amônia; ii) equipamento de respiração autônomo; iii) óculos de proteção ou protetor facial; iv) luvas protetoras de borracha (PVC); v) botas protetoras de borracha (PVC); vi) capa impermeável de borracha e/ou calças e jaqueta de borracha. (Ministério Público do Trabalho. Coordenadoria Nacional de Defesa do Meio Ambiente do Trabalho Projeto de Atuação Nacional Coordenada – FRIGORÍFICOS Procuradoria Regional do Trabalho da 18ª Região).

Percebe-se que a empresa não cumpriu, neste caso, o Termo de Ajuste de Conduta acordado com o Ministério Público do Trabalho, tal possível descumprimento pode ter agravado o nível de segurança das tubulações de gás amônia que se rompeu. O acidente atingiu os trabalhadores colocando em risco sua saúde, bem como sua própria vida. Tal fato deixa em dúvida a preocupação da empresa com a segurança no ambiente de trabalho, pondo em risco seus funcionários.

O Termo também trata da concessão de pausas para recuperação de fadiga no ambiente de trabalho da Nutrizia. A alínea *a* do item II está assim descrito,

[...] nos termos do item 17.6.3 da NR 17, em todas as atividades que geram sobrecarga muscular estática e dinâmica dos membros superiores, inferiores, tronco, dorso e pescoço, dentre os quais todas as atividades realizadas nos setores de pendura, escaldagem, evisceração, salas de cortes, embalagem, miúdos, rependura, expedição e paletização, dentre outras. Serão instituídas, no prazo a partir de 31.12.2012, 20min de pausas de recuperação de fadiga, distribuídos em 2 pausas de 10min, computados como de efetivo período de trabalho, para todos os efeitos legais. Serão acrescidas para 3 pausas de 10min, a partir de 30.7.2013. Serão acrescidas para 4 pausas de 10min, a partir de 31.12.2013 e, a partir de 30.7.2014, distribuídas em 5 pausas de 10min. Serão acrescidas para 6 pausas de 10min, a partir de 31.12.2014, totalizando 60min para uma jornada de 8h. (Ministério Público do Trabalho. Coordenadoria Nacional de Defesa do Meio Ambiente do Trabalho Projeto de Atuação Nacional Coordenada – FRIGORÍFICOS Procuradoria Regional do Trabalho da 18ª Região).

Este Termo de Ajuste de Conduta do Ministério Público do Trabalho evidencia condições de trabalho dentro do frigorífico que provavelmente causava fadiga, cansaço excessivo provocado por longo tempo ininterrupto de trabalho na mesma posição, repetindo os mesmos gestos. O capital monopolista busca, por meio da intensificação da exploração do trabalho, a extração de valia relativa, extrai-se mais valor sem, contudo alargar a jornada diária de trabalho.

Um estudo realizador em 2009 num frigorífico de aves do sul do país avaliou as condições de trabalho nesta empresa. A amostragem de 951 funcionários de um dos maiores abatedouros de frango do Rio Grande do Sul constatou-se índices elevados de LER/DORT e adoecimento mental. Brum (2009) identificou a relação entre os adoecimentos e afastamentos psiquiátricos ocorridos na empresa com a organização

do trabalho. Hutz & Nunes (2001), evidenciou alto índice de ideação suicida nos trabalhadores na cifra de 10,2%.

Em outra pesquisa, em 2006, a Federação dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação do Rio Grande do Sul propôs uma análise do setor avícola no estado. O resultado foi alarmante,

Os números demonstraram que 80% dos funcionários faz uso sistemático de analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos, e pelo menos 20% faz uso de medicamentos controlados como antidepressivos e tranquilizantes. Aproximadamente 42% menciona cansaço insuportável após o trabalho, metade sente dores no corpo logo após chegar em casa e 67,1% sacode as mãos por formigamento e adormecimento, sintoma e risco às LER/DORT. Além disso, verificou-se precarização, ritmo acelerado e rotatividade como fatores, cujo somatório ocasiona doenças ocupacionais. (WALTER, 2012, p. 42-43).

As pausas deverão ocorrer também na jornada de trabalho de horas extras, a cada 50 minutos de trabalho, 10 minutos de descanso em ambiente adequado, que assegure conforto térmico, hidratação, satisfação das necessidades fisiológicas e assento adequado. A empresa tem cumprido o termo de ajuste de conduta quanto ao tempo de descanso e relaxamento dos trabalhadores? Visto que, no caso das tubulações de gás amônia a empresa deixa dúvidas quanto ao cumprimento deste documento legal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria de produção carne de aves no Brasil coloca-se em terceiro lugar no ranking mundial deste produto, ficando atrás apenas de China e Estados Unidos. Os estados do sul do país concentram a maiores empresas do setor e exportam carne de ave para mais de 150 países, entre os mais expressivos estão: União Europeia, Japão, Hong Kong, Africa do Sul e Rússia, que são grandes importadores de cortes de aves; e o Oriente Médio, grande comprador do frango inteiro. O setor é responsável pelo emprego de aproximadamente 4,5 milhões de postos de trabalho em todo país, direta ou indiretamente. Empresas como Sadia, Perdigão, Seara Alimentos, Doux Frangosul dominam este setor econômico.

No entanto, no que se refere às condições de trabalho e a saúde dos trabalhadores destas indústrias, a primeira percepção que temos, é a de que as condições de trabalho “é em geral repetitivo e monótono, por estar constituído em pressupostos do taylorismo/fordismo”. (WALTER, 2012 p. 44). As características dos métodos e processo de trabalho organizado sob este modelo apresentadas no início deste artigo, é o que tem prevalecido na realidade das fábricas de desmontagem de frango.

Ainda segundo Walter (2012, p. 44), “o trabalho é organizado em linhas de produção, as nóreas, sendo o ritmo e a cadência determinada pela hierarquia e permitindo uma margem de autonomia infimamente pequena”. A forma como o trabalho se organiza impõe ao trabalhador adaptar às máquinas e a seu posto, conclui. O ritmo

elevado e a repetição dos gestos criam uma espacialidade propícia a apagar toda a criatividade e inventividade do trabalho, cabendo apenas reproduzi-lo mecanicamente no menor tempo possível. Fica claro que a finalidade de invenção da maquinaria moderna e ultramoderna não é aliviar o fardo do trabalho, e sim, elevar produtividade do trabalho, ao mesmo tempo em que cria o desemprego estrutural.

Mesmo que de alguma forma a mecanização do trabalho possa ter aliviado a carga física – mesmo que não seja esta sua finalidade – sobrecarrega-se “mãos e braços, bem como nuca, ombros e pescoço. Colocam o trabalhador de forma estática de forma monótona e repetitiva. A repetição de movimentos em tempo exíguo sobrecarrega determinados músculos”. (WALTER, 2012, p. 45). O capital ao exigir produtividade expõe o trabalhador a um conjunto de doenças ocupacionais como LER/DORT.

Pode-se concluir, diante do quadro apresentado ao longo do texto, que a indústria frigorífica de aves no Brasil, e especificamente em Pires do Rio-GO, desmonta o frango e o trabalhador para produzir a mercadoria. Este processo de desmonte gera riscos, e não só risco, mas gera efetivamente acidentes de trabalho muitas vezes graves, cortes nos dedos, mãos e braços. Vazamentos de gás amônia que ocorreu na Nutriza e em outros frigoríficos pelo Brasil a fora põe em risco a saúde e a vida de seus empregados. Os constantes afastamentos do trabalho em consequência de LER/DORTE é parte dessa dura realidade enfrentada cotidianamente por milhares de trabalhadores e trabalhadores ocupados no setor de frigorífico avícola brasileiro.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, Boitempo, 2009. (Coleção Mundo do Trabalho).

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: A degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: Uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural. São Paulo, Loyola, 2006.

HUTZ, C. S. & NUNES, C. H. S. S. (2001). Escala fatorial de ajustamento emocional/neuroticismo. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Vol. 1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Ministério Público do Trabalho, Coordenadoria Nacional de Defesa do Meio Ambiente do Trabalho Projeto de Atuação Nacional Coordenada – FRIGORÍFICOS Procuradoria Regional do Trabalho da 18ª Região.

WALTER, Leonardo Inácio. **A saúde por um fio**: Submissão voluntária de afastados de frigorífico de aves. /Leandro Inácio Walter, Porto Alegre, 2012.

<http://revistasafra.com.br/apos-acidente-funcionamento-de-frigorifico-em-pires-do-rio-go-e-normalizado>. Acesso: 18 de setembro, 2014.

<http://www.friato.com.br/nutriza.html>. Acesso: 12 de abril, 2014.

SOBRE O ORGANIZADOR

GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC-Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGEO na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia - “Cinema, comunicação e regionalização” no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia - UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: No chão e na Educação: o MST e suas reformas (2011), Neoliberalismo, Agronegócio e a Luta Camponesa no Brasil (2011), Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem (2013), Agroecologia, Alimentação e Saúde (2014), Gestão Ambiental (2015), Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais (2016), Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais (2016), Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas (2017), Atlas de Conflitos na Amazônia (2017), Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa (2018), Conflitos e Convergências da Geografia - Volumes 1 e 2 (2019) entre outras publicações. E-mail: gustavo.cepolini@unimontes.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-436-8

